



Trabalhos Científicos

Título: Óbitos Neonatais Por Sífilis Congênita: 1996 A 2023

Autores: LETÍCIA HANNA MOURA DA SILVA GATTAS GRACIOLLI (FACULDADE DE MEDICINA DE JUNDIAÍ), ANA JÚLIA PAGLIA (CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ), GEOVANA FRANKLIM GOMES E SILVA (CENTRO UNIVERSITÁRIO DE PATOS DE MINAS), JÚLIA CAMPINHO DOURADO ROCHA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO), LUÍSA FERNANDES LIMA (FACULDADE CIÊNCIAS MÉDICAS DE MINAS GERAIS), MARIANA RIBEIRO DOS SANTOS FADEL (UNIVERSIDADE SANTO AMARO), ELLEN JADE COSTA ARAÚJO (UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO), GIOVANNA VICTÓRIA MOURA ARAÚJO (UNINASSAU), LÍGIA LUANA FREIRE DA SILVA (UNINOVE), YASMIN DA SILVA MOURA (UNIVERSIDADE SALVADOR), JULIA ISUME (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO))

Resumo: Introdução: A sífilis congênita permanece como um grave problema de saúde pública no Brasil, apesar dos avanços no rastreio e tratamento das gestantes e no cuidado dos neonatos afetados, refletindo falhas na assistência pré-natal e no manejo da infecção.
Objetivos: O objetivo deste trabalho foi realizar o levantamento epidemiológico dos óbitos por sífilis congênita no Brasil entre 1996 e 2023.
Metodologia: Trata-se de uma análise ecológica e retrospectiva. Foram coletados dados referentes aos óbitos por sífilis congênita no Brasil entre 1996 e 2023, notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) e disponíveis no banco de dados online do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). A análise considerou as variáveis: número de casos, sexo, tipos de gestação e peso ao nascer (CID A50).
Resultados: Houve 6.295 óbitos no período, com maior concentração na Região Sudeste (3.608, 57,3%), seguida pelas regiões Nordeste (1.341, 21,3%), Sul (635, 10,1%), Centro-Oeste (431, 6,8%) e Norte (280, 4,5%). A distribuição temporal evidenciou crescimento a partir dos anos 2000, com maior número em 2017 (523, 8,3%), 2018 (468, 7,4%) e 2019 (442, 7,0%). Quanto ao sexo, observaram-se 3.185 óbitos em neonatos do sexo masculino (50,6%) e 2.993 do feminino (47,6%), além de 117 registros ignorados. O teste do qui-quadrado indicou diferença estatisticamente significativa entre os grupos ($967,2 = 5,97$, $p = 0,015$), com maior frequência de óbitos no sexo masculino. No que se refere à ordem gestacional, a maioria ocorreu em gestações únicas (6.080, 96,6%), com menor frequência em gestações duplas (121, 1,9%) e triplas ou mais (2 casos, <0,1%). Em 92 registros (1,5%), a informação não foi especificada. Em relação à via de parto, predominaram os vaginais (5.453, 86,7%) sobre as cesarianas (709, 11,3%), além de 133 casos ignorados. A análise pelo teste do qui-quadrado revelou diferença altamente significativa ($967,2 = 3652,31$, $p < 0,001$), com maior prevalência nos partos vaginais. Quanto ao peso ao nascer, observou-se que a maior parte dos óbitos ocorreu em recém-nascidos de 1500 a 2499 g (2.369, 37,6%), seguido das faixas de 1000 a 1499 g (1.365, 21,7%) e 500 a 999 g (1.155, 18,4%). Óbitos em menores de 500 g corresponderam a 147 casos (2,3%), enquanto aqueles em neonatos com peso 8805,2500 g totalizaram 1.030 registros (16,4%). Em 229 casos, o peso não foi informado.
Conclusão: O estudo demonstrou aumento progressivo dos óbitos neonatais por sífilis congênita no Brasil entre 1996 e 2023, com maior concentração na Região Sudeste e predomínio em recém-nascidos do sexo masculino, de baixo peso ao nascer e partos vaginais. Esses achados ressaltam a necessidade de fortalecer a qualidade da assistência pré-natal, ampliar o rastreamento materno e garantir o tratamento oportuno da gestante e do parceiro, a fim de reduzir a mortalidade neonatal associada à sífilis congênita.